

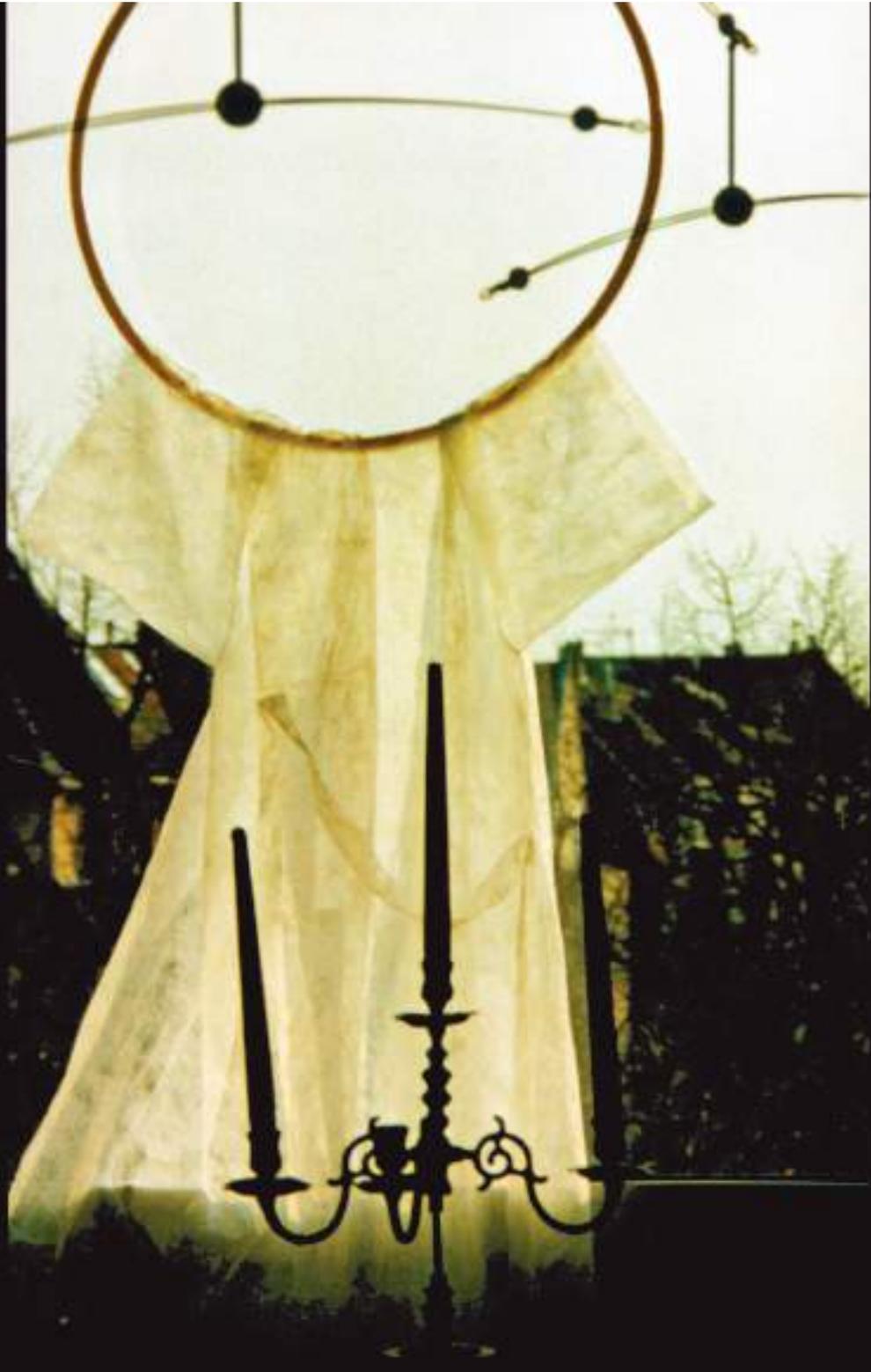


"Entre Rastros"

## Editorial

Este número da Revista **Ângulo** é dedicado à literatura e cultura judaicas após o término da Segunda Guerra Mundial. A aniquilação do judaísmo europeu significou uma transformação profunda nas línguas de expressão judaica. O desaparecimento do idioma ídiche, língua da maior parte das vítimas do genocídio, assim como a extinção da comunidade judaica alemã e a fundação do Estado de Israel, em 1948, tornaram a questão das línguas judaicas um tema crucial, que aparece, de uma maneira ou de outra, nos ensaios reunidos neste volume.

A adoção do hebraico como língua oficial do Estado de Israel representou uma ruptura com os idiomas judaicos que se consolidaram ao longo de uma diáspora de 2.000 anos. Cyril Aslanov, autor de “A deseuropeização da paisagem linguística israelense, 1948-2000” analisa o alcance da glotopolítica em desmontar em pouco tempo o multilinguismo herdado do passado diaspórico judaico, a partir da imposição do hebraico como língua nacional. Já aspectos imigratórios na constituição do Estado de Israel são analisados por Marta F. Topel em “O mosaico étnico-cultural israelense: da ideologia da mistura dos exílios à legitimação do multiculturalismo (1950-2000)”. A autora demonstra que, se até a década de 1990, a distinção que se fazia entre os imigrantes era étnica, discriminando os judeus europeus daqueles originários do norte da África e de países do Oriente Médio, a partir de 1990, com a imigração de um grande contingente de judeus da ex-União Soviética, este panorama sofre alteração, passando a definir-se por elementos como a religião e a implementação do neoliberalismo, que trazem maior complexidade na composição étnico-



"Homenagem em Paul Celan"

cultural do Estado de Israel e acabam por levar a um processo de legitimação do multiculturalismo.

No que concerne à literatura, o trabalho de Nancy Rozenchan “Do estudo aos sabores do Oriente – um ângulo da literatura hebraica contemporânea” amplia o panorama conhecido da literatura hebraica, que privilegia nomes como Amós Oz, A.B. Yehoshua e David Grossman, ao abordar dois segmentos em evidência em Israel, ainda pouco estudados entre nós: a literatura de religiosos e a literatura de judeus orientais.

O tema Shoá (Holocausto) aglutina cinco trabalhos, a partir de cinco escritores de diferentes nacionalidades. O ensaio de autoria de Moacir Amâncio, “O cão de botas”, trata do romance **Adam Filho de Cão** ( em hebraico, Adam ben Kelev) publicado em 1969. Romance complexo, paradoxal, pleno de dobras e contradições, tem como protagonista um palhaço judeu alemão que escapa da morte por fazer um pacto com o comandante alemão do campo de extermínio no qual foi aprisionado.

Aspectos linguísticos relacionados à Shoá são apresentados no estudo de Luis Krausz “Victor Klemperer e a restauração da língua alemã no pós guerra”. Nele, o autor relata a trajetória do filólogo Victor Klemperer, centrando-se no livro **LTI (Lingua Tertii Imperi)**, uma tentativa de eliminar do idioma de Goethe as distorções introduzidas pela propaganda nazista.

Saul Kirschbaum trata das memórias concentracionárias de Ruth Klüger, escritora de origem austríaca que vive nos EUA. Numa escrita muito particular, que dialoga com textos da qualidade de **É isto um homem?**, de Primo Levi, Klüger retoma sua experiência de menina reclusa no campo de Terezin dos 10 aos 12 anos. Arguta, ela apresenta os mecanismos de exclusão dos arianos contra os judeus, dos militares contra os civis, dos homens contra as mulheres, dos adultos contra as crianças, mecanismos que se reproduzem até mesmo dentro das comunidades judaicas.

Emília Amaral apresenta “Crime e castigo em **Les Bienveillantes**, de Jonathan Littell”, romance pós moderno escrito em francês por um escritor norte-americano, que abalou a crítica e os leitores europeus há poucos anos pela ousadia de sua escrita, a partir da inversão do ponto de vista de um escritor judeu que relata, em primeira pessoa, do ângulo de um carrasco nazista, a invasão do Leste europeu durante a Segunda Guerra Mundial, e particularmente, o genocídio dos judeus.

Berta Waldman traz para o Brasil o tema do Holocausto, com o estudo de uma peça inédita de

Samuel Rawet, “O lance de dados”, que transcorre no Rio de Janeiro, em pleno Carnaval, e que trata de um colaborador judeu durante a Segunda Guerra Mundial.

Quanto à literatura judaica norte-americana, Dora Landa, em “Philip Roth e a história judaica: uma relação em movimento” privilegia o viés judaico do escritor, ao dar relevo aos recursos por ele utilizados para se aproximar de situações traumáticas da história judaica, como o Holocausto e o conflito árabe-israelense no Oriente Médio, trazendo à tona a polêmica posição do escritor diante de sua condição judaica.

Fecha o número, o trabalho de Enrique Mandelbaum sobre Isaac Bashevis Singer, escritor que emigra para os EUA, mas mantém sua obra intimamente relacionada à vida judaica nas pequenas aldeias do leste europeu até o advento da Segunda Guerra Mundial. Os contos curtos que o consagraram foram escritos entre 1943 e 1991, ano de sua morte, em ídiche, língua fragilizada e terminal, que o autor capacita para nomear a modernidade.

Dialogando com os textos, as imagens da artista plástica Nair Kremer, cuja carreira artística acompanha uma vida pendular, que transita entre Israel e Brasil.

Esperamos que este panorama, que pretendeu ser variado, alcance dar uma ideia de alguns caminhos da cultura e da literatura judaicas nos últimos 65 anos e também das questões que vêm sendo discutidas a partir da fundação do Estado de Israel.

Berta Waldman

Agosto de 2010



"Castelo da Paz"